

“ELES TÃO PEGANDO QUALQUER COISA PRA MATAR A FOME”: Representações discursivas dos empregadores sobre os trabalhadores migrantes

CAMILA VELOSO ANTUNES

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

ANTONIO CARVALHO NETO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

ERICA CRISTINA PEREIRA LIMA DE SOUZA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

Agradecimento à orgão de fomento:

Agradecemos à FAPEMIG, ao CNPq e á CAPES.

**“ELES TÃO PEGANDO QUALQUER COISA PRA MATAR A FOME”:
Representações discursivas dos empregadores sobre os trabalhadores migrantes**

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as representações discursivas dos empregadores sobre os trabalhadores migrantes inseridos no mercado de trabalho formal brasileiro em relação ao racismo. É importante ressaltar que, embora a autora reconheça que possam existir diferenças nas representações de refugiados, requerentes de asilo e imigrantes, este recorte não foi realizado. Deste modo, o termo migrante foi adotado para referir simultaneamente aos três grupos em questão.

O racismo foi analisado por meio da concepção ideológica de Van Dijk (1992; 1996; 1999; 2000a; 2000b; 2015). Para o autor, o racismo se constitui como uma forma de ideologia que, por sua vez, é expressa e reproduzida por meio de práticas sociais, especialmente por meio do discurso (Van Dijk, 2000a; 2015). Mais especificamente, a perspectiva crítica adotada pelo autor busca analisar como o discurso racista reproduz os sistemas de dominação e desigualdade social.

Além disso, o discurso racista foi analisado em relação às expressões do “novo racismo”, termo adotado na literatura para o estudo da natureza e das manifestações racistas nas sociedades modernas (Adjai & Lazaridis, 2013; Anthias, 1995; Beynon & Kushnick, 2003; Dunn *et al.*, 2007; Sniderman *et al.*, 1991; Hopkins *et al.*, 1997; Jayasuriya, 2002; Lima & Vala, 2004; McKenzie, 2003; Pon, 2009; Rydgren, 2008; Taguieff, 1990; Van Dijk, 2000b; Verkuyten & Masson, 1995; Villanueva, 2006; Virtanen & Huddy, 1998).

Embora existam variações na compreensão deste fenômeno, de modo geral, estudiosos do tema concordam que a principal mudança entre o “velho racismo” e o “novo racismo” é que, enquanto o primeiro se fundamenta em um conjunto de ideias deterministas que categorizam a vida social de acordo com características biologicamente definidas, o segundo se baseia na diferenciação cultural entre os povos (Adjai & Lazaridis, 2013; Anthias, 1995; Beynon & Kushnick, 2003; Duffield, 2006; Dunn *et al.*, 2007; Jayasuriya, 2002; Verkuyten & Masson, 1995; Wieviorka, 2004).

2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

Van Dijk (1999) afirma que as questões referentes à migração, relações étnicas e desigualdade racial aumentaram o interesse dos estudiosos acerca do racismo (incluindo questões relacionadas ao antissemitismo, xenofobia, eurocentrismo, etc.) e problemas relacionados, inclusive na Análise Crítica do Discurso. Na revista mais proeminente da área, a *Discourse & Society*, editada pelo próprio autor, temas como racismo, nacionalismo e relações étnicas são amplamente debatidos.

Diversos estudos têm sido realizados em diferentes contextos sociais, políticos, históricos e culturais, como Áustria (Reisigl & Wodak, 2001; Wodak & Matouschek, 1993; Wodak & Van Leeuwen, 1999), Reino Unido (Baker & McEnery, 2005; Gabrielatos & Baker, 2008; KhosraviNik, 2009, 2010; KhosraviNik *et al.*, 2012; Lynn & Lea, 2003; Pérez-Paredes *et al.*, 2016; Van Dijk, 2000a), Bélgica (Blommaert, 2001), Itália (Popescu, 2008), Espanha (Del-Teso-Craviotto, 2009), Grécia (Archakis, 2014), Irlanda (Burroughs, 2015) e Suécia (Pettersson *et al.*, 2016). Outros contextos de análise incluem os EUA (Santa Ana, 1999; 2016; Strom, 2015; Johnston, 2008), Austrália (Clyne, 2005; Hanson-Easey & Augoustinos, 2010;

Hanson-Easey *et al.*, 2014), Malásia (Don & Lee, 2014) e Hong Kong (Flowerdew, *et al.*, 2002).

Os exemplos são numerosos e, evidentemente, não se esgotam neste parágrafo. No Brasil, entretanto, poucas pesquisas foram realizadas. Especificamente no campo da literatura brasileira em administração, embora muitos estudos utilizem o enfoque teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso, uma busca no SPELL (*Scientific Periodicals Eletronic Library*) por pesquisas que vinculam Análise Crítica do Discurso e Imigração não revelou resultados. Busca-se, assim, amenizar essa lacuna.

Pesquisas sugerem que, em geral, os discursos acerca dos refugiados, requerentes de asilo e imigrantes revelam representações negativas e estereotipadas. Tais representações estão principalmente associadas a metáforas depreciativas, assim como à criminalidade, ilegalidade e ameaça, conforme apontam pesquisas realizadas nos EUA (Santa Ana, 1999), no Reino Unido (Lynn & Lea, 2003; Gabrielatos & Baker, 2008; KhosraviNik, 2009, 2010; KhosraviNik *et al.*, 2012), na Austrália (Clyne, 2015; Hanson-Easey & Augoustinos, 2010), em Hong Kong (Flowerdew, Li & Tran, 2002), na Irlanda (Burroughs, 2015) e na Malásia (Don & Lee, 2014).

Evidentemente, estes discursos fazem mais do que representar estes atores sociais. Claramente existe um aspecto da representação, mas sobretudo existe um elemento de construção e reprodução de determinadas relações e condições sociais (Kress, 1990). Para Van Dijk (2000a) tais representações estabelecem formas de dominação de relações étnicas ou raciais. Nesse sentido, se configuram como ideologias racistas, na medida em que expressam opiniões negativas que diferenciam, depreciam e inferiorizam os migrantes, contribuindo, assim, para a manutenção de relações de desigualdade entre grupos étnicos majoritários e minoritários.

Definidos por Van Dijk (2000b) como “novo racismo”, os discursos racistas atuais não se manifestam por meio de uma ideologia racial de base biológica, mas por meio de diferenças e hierarquias socioculturais. Em síntese, esta forma de racismo não se apoia explicitamente na inferioridade biológica dos migrantes, mas na inferioridade cultural, incluindo estilos de vida, hábitos, costumes e religião (Resigl & Wodak, 2001; Zaman, 2010). Partindo dessa perspectiva, este trabalho teve como objetivo analisar as representações discursivas dos empregadores sobre os trabalhadores migrantes inseridos no mercado de trabalho formal brasileiro em relação ao racismo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dentre os mais proeminentes estudiosos da Análise Crítica do Discurso, ao lado de Fairclough, Kress, van Leeuwen e Wodak, encontra-se Van Dijk (Resende & Ramalho, 2006). Para o autor, o racismo se constitui como uma forma de ideologia que, por sua vez, é expressa e reproduzida por meio de práticas sociais, especialmente por meio do discurso (Van Dijk, 2000a; 2015). É com base na teoria da ideologia proposta por este autor que serão conduzidas as posteriores reflexões deste trabalho.

3.1 Discurso, Ideologia e Racismo

Em geral, os estudos de Van Dijk (1992; 1999; 2000; 2015) possuem foco específico nas relações entre ideologia, racismo e discurso. Tal relação se estabelece de forma que o racismo se constitui como uma forma de ideologia que, por sua vez, é expressa e reproduzida por meio de práticas sociais – especialmente por meio do discurso. Mais especificamente, a perspectiva crítica adotada pelo autor busca analisar como o discurso racista reproduz os sistemas de dominação e desigualdade social.

As ideologias surgem da interação dos grupos com as circunstâncias políticas e sociais em que se situam, mas são compartilhadas nos grupos por meio das práticas discursivas estabelecidas entre seus membros. Assim, análises em todos os níveis da teoria da ideologia requerem: i) um componente macrosociológico (situação políticas e sociais); ii) um componente microsociológico (discursos ou outras formas de práticas sociais); iii) um componente sociocognitivo (modelos mentais, atitudes, ideologias, normas e valores). (Van Dijk, 2015)

A partir destes três componentes, Van Dijk (2000a) aborda o racismo por meio de um sistema complexo de dominação e desigualdade social, definido a partir da combinação dos seguintes elementos: i) representações sociais de base ideológica de grupos (e sobre grupos); ii) modelos mentais dos membros do grupo sobre eventos étnicos concretos; iii) discurso discriminatório cotidiano e outras práticas sociais; iv) estruturas e atividades institucionais e organizacionais; e v) relações de poder entre grupos brancos dominantes e grupos étnicos minoritários.

Por meio deste quadro, percebe-se que o racismo, embora tenha uma base ideológica, não pode ser reduzido à ideologia. Afinal, o racismo não apenas se expressa no nível micro das práticas sociais, como nos discursos discriminatórios e outros atos de interação, mas também no nível macro dos arranjos institucionais e organizacionais e das relações de poder entre grupos dominantes e grupos étnicos minoritários. (Van Dijk, 2000a)

Embora a compreensão global deste sistema envolva uma abordagem complexa e multidisciplinar, as limitações de tempo impostas a esta pesquisa permitem o estudo de apenas algumas das características do racismo e da sua reprodução, a saber: as relações entre cognição racista (ideologias, representações e modelos mentais) e discurso. (Van Dijk, 2000a)

A ideologia racista pode apresentar as seguintes categorias relacionadas: i) dispositivos de afiliação por cor, raça ou nacionalidade; ii) atividades que envolvem discursos negativos sobre minorias, discriminação, diferenciação, exclusão, inferiorização, problematização etc.; iii) objetivos de manter os grupos étnicos minoritários em posição de inferioridade ou fora do endogrupo; iv) valores que estabelecem prioridades para o próprio grupo; v) posições de superioridade e domínio sobre os outros; e vi) distribuição e utilização de recursos de território, espaço, nação ou recursos sociais. (Van Dijk, 2000a)

Uma das formas de manifestação dessas práticas ideológicas é por meio do discurso, que pode atuar de duas maneiras: i) na reprodução do sistema de dominação, por meio de práticas discriminatórias, como excluir, problematizar e marginalizar migrantes ou membros de minorias; ou ii) na justificação e legitimação deste sistema. (Van Dijk, 2000a)

3.2 O “Novo Racismo”

As questões centrais sobre raça e racismo têm acompanhado as constantes mudanças pelas quais os contextos sociais e históricos passam ao longo dos séculos (Anthias, 1995; Babacan *et al.*, 2009; Beynon & Kushnick, 2003; Jayasuriya, 2002; Lima & Vala, 2004; Wieviorka, 2004). Por este motivo, autores de diversos países têm se dedicado ao estudo da natureza e das manifestações racistas nas sociedades modernas, referidas na literatura como “novo racismo” (Adjai & Lazaridis, 2013; Anthias, 1995; Beynon & Kushnick, 2003; Dunn *et al.*, 2007; Sniderman *et al.*, 1991; Hopkins *et al.*, 1997; Jayasuriya, 2002; Lima & Vala, 2004; McKenzie, 2003; Pon, 2009; Rydgren, 2008; Taguieff, 1990; Van Dijk, 2000b; Verkuyten & Masson, 1995; Villanueva, 2006; Virtanen & Huddy, 1998), “neo-racismo” (Lee, 2007; Zaman, 2010; Wodak & Matouschek, 1993), “xeno-racismo” (Cheran, 2001; Di Masso *et al.*, 2014; Fekete, 2001; Sivanandan, 2001), “racismo cultural” (Oliver, 2001; Wren, 2001), “racismo sociocultural” (Duffield, 2006) e “racismo simbólico” (Kinder, 1986; Kinder & Sears, 1981;

McConahay & Hough, 1976; Sears, 1988; Sniderman & Tetlock, 1986), dentre outras denominações.

Embora existam variações na compreensão deste fenômeno, de modo geral, estudiosos do tema concordam que a principal mudança entre o “velho racismo” e o “novo racismo” é que, enquanto o primeiro se fundamenta em um conjunto de ideias deterministas que categorizam a vida social de acordo com características biologicamente definidas, o segundo se baseia na diferenciação cultural entre os povos (Adjai & Lazaridis, 2013; Anthias, 1995; Beynon & Kushnick, 2003; Duffield, 2006; Dunn *et al.*, 2007; Jayasuriya, 2002; Verkuyten & Masson, 1995; Wieviorka, 2004).

Em síntese, no “novo racismo”, a base classificatória de diferenciação, segregação e exclusão da vida social não é mais uma suposta inferioridade genética, mas uma suposta inferioridade cultural de determinados grupos étnicos (Anthias, 1995; Duffield, 2006; Siebers & Dennissen, 2015). Trata-se, portanto, de uma ideologia capaz de diferenciar, segregar e excluir “outros” grupos culturais, devido a questões relacionadas à língua, religião, hábitos, costumes, vestimentas, culinária, música, literatura e arte, dentre outras (Beynon & Kushnick, 2003; Duffield, 2006; Di Masso *et al.*, 2014; Taguieff, 1990).

Assim, o “novo racismo” opera sob muitos disfarces e se entrelaça fortemente com as ideias de nação e identidade nacional, que passam a ser os elementos organizadores centrais do discurso racista (Anthias, 1995; Jayasuriya, 2002). Nesse contexto, os migrantes são discriminados não apenas por sua cor de pele, mas principalmente por suas características culturais (Beynon & Kushnick, 2003; Taguieff, 1990). Evidentemente, as atitudes racistas contemporâneas também podem invocar referências biológicas, mas são mais comuns disposições racistas que encontram as suas alegações na distinção cultural de um determinado grupo de pessoas (Dunn *et al.*, 2004; Jayasuriya, 2002).

Embora as formas de expressão do “velho” e o “novo” racismo sejam distintas, muitos estudiosos enfatizam que ambos coexistem lado a lado e estão interligadas (Dunn *et al.*, 2007; Hopkins *et al.*; 1997; Jayasuriya, 2002; Sniderman & Tetlock, 1986; Virtanen & Huddy, 1998; Zaman, 2010). Assim, é importante ressaltar que, embora as diferenças sociais e culturais desempenham um papel central no “novo racismo”, as questões relativas à cor da pele, assim como outras divisões sociais, como classe, gênero e sexualidade, são de extrema importância para compreender as múltiplas estruturas hierárquicas e processos sociais que se entrelaçam para produzir as posições e identidades sociais específicas dos migrantes (Anthias, 1995; 2012a; 2012b; Bürkner, 2011; Mahalingam *et al.*, 2008).

Embora seja um fato notável e amplamente reconhecido que as pessoas de pele negra sejam os principais alvo de racismo no Brasil, tal recorte não reconhecera outras formas de racismo enfrentadas pelos diversos grupos de migrantes que estão no país e que têm nas suas características culturais os marcadores simbólicos da diferença e da inferioridade no processo de racialização (Anthias, 1995). Foi justamente com o objetivo de abranger a compreensão do fenômeno migratório que a perspectiva de análise do “novo racismo” foi utilizada nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as representações discursivas dos empregadores sobre os trabalhadores migrantes inseridos no mercado de trabalho formal brasileiro em relação ao racismo. O objetivo primordial é a descrição de um fenômeno complexo e contemporâneo, tratando-se, portanto, de uma pesquisa descritiva. Foi adotada a abordagem qualitativa, por ser mais indicada quando o estudo é de caráter descritivo e busca o entendimento de um fenômeno complexo. (Eisenhardt, 1989)

O método adotado foi o estudo de caso, indicado para a investigação empírica de um fenômeno em profundidade no seu contexto real (Yin, 2015). Especificamente, tratou-se de um estudo de caso único, por ter sido investigado um grupo de empregadores. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais, entre os dias 26 de março e 05 maio do ano de 2019, com 12 empregadores, de empresas privadas de diversos segmentos de atividades, tais como prestação de serviço, industrial, construção civil, atacadista, automotivo, entre outros.

As empresas se situam em Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS). A escolha das empresas se baseou na existência de trabalhadores migrantes no seu quadro de funcionários e na disponibilidade dos empregadores em participar da pesquisa. A idade média da amostra é de 40 anos. Todos os entrevistados são donos negócio ou nomeados como prepostos, ou seja, pessoas que agem em nome da empresa. A tabela abaixo (Tabela 1) ilustra a composição da amostra.

Tabela 1 – Composição da Amostra

| Sigla | Sexo | Idade | Cargo | Segmento/ Atividade | Cidade | País de Origem dos Migrantes Contratados |
|--------------|-------------|--------------|------------------------------------|--|----------------|---|
| E01 | F | 45 | Sócia | Prestação de Serviço | São Paulo | Síria; Angola; Papua-Nova Guiné |
| E02 | F | 35 | Gerente de RH | Industrial/ Moveleiro | Belo Horizonte | Venezuela |
| E03 | M | 36 | Síndico | Condominial | Belo Horizonte | Guiné-Bissau |
| E04 | M | 52 | Dono | Comércio Varejista | Belo Horizonte | Venezuela |
| E05 | M | 55 | Dono | Construção Civil | São Paulo | Haiti |
| E06 | M | 44 | Engenheiro | Construção Civil | São Paulo | Angola |
| E07 | M | 43 | Dono | Industrial/ Componentes Para Calçados | Belo Horizonte | Haiti |
| E08 | F | 28 | Gerente de RH | Tecnologia da Informação | Belo Horizonte | Tunísia |
| E09 | M | 41 | Dono | Conservação e Limpeza | Porto Alegre | Haiti |
| E10 | F | 34 | Analista de Recrutamento e Seleção | Industrial/ Alimentício | Belo Horizonte | Haiti; Gana; Venezuela |
| E11 | M | 42 | Gerente Geral | Atacadista | Belo Horizonte | Haiti |
| E12 | F | 25 | Assistente de RH | Automotivo | Belo Horizonte | Venezuela |

Fonte: autores deste artigo.

Em relação ao tratamento dos dados, todas as entrevistas foram gravadas, após a autorização expressa de cada participante, e, posteriormente, transcritas na íntegra. Após a transcrição, foi gerado um *corpus* de análise de 100 páginas. A realização das entrevistas

ocorreu nas empresas e também via *Skype*. Todos os entrevistados que residiam em Belo-Horizonte (MG) foram entrevistados pessoalmente e os demais por *Skype*. Cada entrevista teve duração aproximada de 1 hora.

Os dados coletados foram analisados por meio da Análise Crítica do Discurso. A análise se limitou ao seu conteúdo discursivo, mais especificamente aos significados locais. Os significados locais envolvem a análise do significado das palavras, das estruturas das proposições e da coerência de outras relações entre proposições. Tais significados são o resultado da seleção de eventos ou crenças socialmente compartilhadas, e, portanto, expressam o modelo mental dos autores do discurso. (Van Dijk, 2013)

5 ANÁLISE DE RESULTADOS

Ao analisar a representação discursiva dos empregadores sobre os trabalhadores migrantes inseridos no mercado de trabalho formal brasileiro, é possível constatar que, de modo geral, eles os descrevem como pessoas “dedicadas”, “comprometidas” e “esforçadas”. Essas representações foram expressas principalmente em termos de uma polarização entre os trabalhadores migrantes e brasileiros, como demonstra a fala do Entrevistado 7: “[...] se eu fosse comprar com o brasileiro, ainda é mais eficiente, ele gera mais retorno a nível empresarial.”. Percebe-se nesta representação polarizada a expressão de uma ideologia racista que, ao reforçar proposições sobre “nós” (trabalhadores brasileiros) e “eles” (migrantes), estimula a diferenciação, o conflito e a competição entre estes dois grupos nos espaços de trabalho.

No exemplo abaixo, outro entrevistado ilustra essa representação polarizada em termos de “força de vontade”:

[...] são pessoas dispostas a trabalhar e ganhar a vida aqui. E... não importa, né... eles querem uma vida melhor, mas eu acho que na minha visão, em geral, é o que eu falei. É como se eles fossem... tivessem mais força de vontade, muito mais força de vontade do que o trabalhador comum, naturalizado brasileiro. (Entrevistado 3)

O Entrevistado 4 fornece possíveis motivos para o suposto desinteresse do grupo de trabalhadores brasileiros:

Ah, eu creio... sinceramente, o que eu creio é que eles já vêm com certo amadurecimento. Já vem maduros e com a seriedade, quebrando um pouquinho aquela crista do brasileiro que sempre tá interligado com farra, festa, e um... digamos assim, quase uma falta de... de sequência de trabalho, de responsabilidade. O estrangeiro, me parece que, quando ele vem, ele vem realmente... objetivado, não vem aqui pra carnaval. Pros brasileiros parece que ainda que aqui é o país da festa. E aí, eles ficam mais fácil pra gente doutrinar. (Entrevistado 4)

No discurso do Entrevistado 4 é importante observar a escolha da palavra “doutrinar”. Essa escolha tem várias implicações, tais como expressar a perspectiva ideológica do autor de que é mais fácil subordinar o migrante às exigências de trabalho, revelando uma prática social de dominação e subordinação destes trabalhadores aos seus próprios interesses. Essa prática se configura como uma ideologia racista, na medida que estabelece posições de superioridade e domínio sobre os trabalhadores migrantes. Ao mesmo tempo, a escolha dessa palavra implica que o trabalhador migrante é representado como sujeito passivo dessa ação, incapaz de oferecer resistência.

Tal polarização, a princípio, pode nos levar acreditar que a representação dos trabalhadores migrantes é positiva enquanto a dos brasileiros é negativa. No entanto, uma

análise mais crítica sugere que essa representação pode ter efeitos tangíveis nas relações de trabalho entre empregadores e trabalhadores migrantes, tais como a intensificação de determinadas práticas de dominação e exploração econômica dessa força de trabalho. Afiança esse entendimento a fala do Entrevistado 7: “[...] eu gosto do trabalho deles, eles não têm medo de trabalhar, eles não bebem, nenhum deles, eles têm compromisso com horários. ‘Você vai precisar chegar quatro horas da manhã, no turno das quatro – cinco pra quatro eles estão aqui.’”.

Este mesmo entrevistado ainda revela que os migrantes contratados para trabalhar na sua empresa: “deram um *up* na produção, começaram a motivar. Eles estavam trabalhando praticamente pro resto da equipe, trabalhando duro, pegando o trabalho com gosto, com gosto, com gosto.” (Entrevistado 7).

Muitas vezes, essa intensificação da exploração da força de trabalho migrante não se restringe aos empregadores, ocorrendo também na relação com os próprios trabalhadores brasileiros:

Por exemplo, uma coisa que eu sempre falo, que chega... e aqui uma vez eles já falaram com a gente já: que às vezes chega aqui, por eles trabalharem bastante, carregar muito peso e tudo, tem brasileiro que folga mesmo. Aí, por exemplo, na armazenagem eles trabalham em dupla, porque, como serviço é pesado, então duas pessoas carregam um caminhão, e aí acontece às vezes da dupla do haitiano ser um brasileiro, aí já aconteceu, por exemplo, do brasileiro tipo assim: ‘ah, eu vou ficar fazendo hora mesmo, porque o haitiano trabalha muito é só deixar ele trabalhar’.

(Entrevistada 10)

A exploração da força de trabalho migrante é acentuada pela representação de vulnerabilidade em que muitos se encontram no país anfitrião. Tal representação propicia, na prática, a intensificação de relações e condições de vulnerabilidade dos migrantes, visto que constitui, reproduz e legitima um sistema de dominação dessa força de trabalho. A fala do Entrevistado 4 expressa essa representação de vulnerabilidade: “Eles tão pegando qualquer coisa pra matar a fome.”.

O Entrevistado 5 revelou desse modo a sua motivação em contratar trabalhadores migrantes, oriundos da Venezuela:

[...] “porque lá [na Venezuela] ... porque no caso vai demorar muito pra resolver, e o cara aqui ganhando uma condição de vida melhor do que ele tá passando lá, ele vai produzir melhor. [...] eu acho, é a minha opinião, acho que a maioria vem pra cá enquanto tiver sufoco, tiver sufoco no país dele ele vai até carregar pedra na cabeça.

(Entrevistado 5)

Esse trecho evidencia, claramente, que a motivação do empregador foi decorrente da representação de vulnerabilidade em que este grupo de migrantes se encontra e a sua susceptibilidade em acatar quaisquer exigências e demandas de trabalho em decorrência dessa condição. Além disso, sugere que a expectativa do trabalhador migrante em buscar melhores condições de vida em relação ao país de origem não se realiza sem grandes sacrifícios. Em outro momento, este mesmo entrevistado afirma:

[...] quando eu penso em... em imigrante, não é pagar menos ou mais, porque eu pago o piso, sou obrigado. É fazer o cara se empenhar mais na obra. Fazer o cara saber que ele precisa daquilo porque é uma chance que ele tem pra cuidar bem da família dele, e ele vai trabalhar direito. Porque hoje, o que diferencia você trabalhar nesse tipo de obra que é construção, que você tem piso salarial, o que diferencia, principalmente

com ajudante geral, como o nome já fala, o que diferencia é a disposição que o cara tem de trabalhar em equipe. O empenho, a dedicação que ele tem na obra, é isso que diferencia, não é salário, entendeu? (Entrevistado 5)

Neste trecho, podemos perceber que, na visão deste empregador, o que vai fazer com que o trabalhador migrante “trabalhe direito” é o fato ele “saber que ele precisa daquilo porque é uma chance que ele tem pra cuidar bem da família dele”, o que demonstra claramente a representação de vulnerabilidade deste grupo de migrante e a exploração com base nessa representação. Além disso, existe a representação de que a necessidade de sobrevivência do trabalhador migrante é o maior motivador para o trabalho, em detrimento do salário.

O Entrevistado 9 também revela essa representação ao afirmar que os trabalhadores migrantes trabalham, por vezes, visando apenas as suas necessidades de sobrevivência e de seus familiares:

Entrevista um haitiano que chegou há pouco tempo no Brasil, tá tentando se alocar, não teve emprego ainda. Tudo o que você perguntar pra ele, ele diz que topa: ‘quero, topo, topo’, tudo ele topa. A única pergunta que ele faz depois é quanto: ‘quanto ganho’. Aí, às vezes, tu pega uns que estão muito pouco tempo aqui e eles vêm com um papelzinho anotado com o valor do aluguel, o valor do custo dele aqui. Ele só tá preocupado se o que ele vai ganhar sobre aquele custo e se sobra. Já teve vários que vieram fazer entrevista com esse papelzinho assim, acho que ou alguém orientava eles, anotava pra eles, porque eles iam lá mostrando assim: ‘cobre?’, né, ‘meu custo é esse, meu aluguel é esse e eu tenho que mandar tanto lá pro Haiti, paga isso?’. Se paga: ‘topo, quero’. Faça o que for eles: ‘topo’. (Entrevistado 9)

Nessa mesma perspectiva, o Entrevistado 6 afirma que: “[...] Essa nova frente, né, imigratória, que tá vindo [...] infelizmente é fugindo de catástrofes, fugindo de problemas no país de origem, e aí eles acabam aceitando trabalhar meio que em qualquer coisa, pra qualquer valores, né.” (Entrevistado 6). Essa fala reforça a representação de que os trabalhadores migrantes provavelmente irão se sujeitar a quaisquer exigências e demandas impostas no trabalho.

A representação de vulnerabilidade leva os empregadores a ofertarem empregos com menor *status* social, ritmos pesados, más condições de trabalho e baixa remuneração, como construção civil ou serviços de limpeza. Percebe-se que essa representação permite responder às necessidades de mão-de-obra destes setores, substituindo, por vezes, a população nacional, como afirma o Entrevistado 5: “Há algum tempo atrás, naquela época dos haitianos, eu resolvi pegar mão de obra dos haitianos, porque aqui a gente tinha uma deficiência muito grande de mão de obra, certo? Você encontrar um cara na rua e: ‘vamos trabalhar na obra’, e o cara não sabia fazer obra e tal. E eu tive essa experiência com esse haitiano”.

Em alguns casos, há o reconhecimento de que os trabalhadores migrantes possuem maior qualificação em relação aos brasileiros, mas, não obstante a isso, ainda persiste representação de que eles se “sujeitam a qualquer tipo de trabalho” (Entrevistada 2), mesmo que sejam aqueles desempenhados por brasileiros de menor qualificação, como afirma o Entrevistado 4: “[...] com a chegada desse venezuelano já com um grau de escolaridade um pouco mais avançado, nos surpreendeu. E eles se... prontificaram a fazer o mesmo serviço que esses brasileiros de... de menor grau de escolaridade se dispunham a fazer”.

A Entrevistada 2 fornece um exemplo dos impactos dessa representação em seu local de trabalho, ao contratar trabalhadores migrantes da Venezuela:

“Igual, eu tinha lá, pessoas com grau superior, eu tinha pessoas tanto da operação quanto da área de gestão, mas eles estavam dispostos a qualquer trabalho. [...] Eles estão na operação. [...] Tinha tudo que você imaginar, tinha até um delegado lá. Tinha um cara que era delegado (Entrevistada 2).

Nesse mesmo sentido, o Entrevistado 10 afirma que os trabalhadores migrantes: “São pessoas honestas, são pessoas que realmente querem trabalhar, muitos tinham até faculdade lá no Haiti. Você vê que tinha até uma formação e realmente estavam pegando serviço bem inferior até à própria formação deles.” (Entrevistado 10)

Outro entrevistado demonstrou “decepção” devido ao fato de um migrante haitiano, que trabalhava como ajudante de pedreiro, ter requerido mudança de função e aumento salarial, em decorrência da disparidade em relação à sua qualificação e experiência prévia:

E trabalhou só três meses. Depois de três meses ele veio: ‘ah, porque eu falo duas línguas, eu sei vender bem, eu acho que eu poderia ser isso, eu queria aumento de salário’. Então eu fiquei meio decepcionado, porque quando contratou ele falou que podia ser qualquer coisa, pelo menos na minha área, né. (Entrevistado 5)

Este mesmo entrevistado ainda mencionou, em tom de desaprovação, o fato de os migrantes serem “muito qualificados”: “Eu acho que as pessoas, elas vem muito qualificadas e, pelo menos, né, essa parte de mão de obra direta pra construção que é pedreiro, o cara tem que pegar peso, esse tipo de coisa, não querem muito trabalhar”. (Entrevistado 5)

Também foi possível observar que os migrantes foram representados como trabalhadores destinados a realizar “trabalhos mais básicos” (Entrevistado 4), reforçando, assim, uma tendência à abertura desses segmentos do mercado de trabalho a trabalhadores migrantes, sem distinção quanto a sua formação. É importante ressaltar que essa representação dá origem a uma progressiva racialização de determinados segmentos do mercado de trabalho, ou seja, a inserção de trabalhadores migrantes em um sistema de trabalho hierarquicamente organizado, que os diferencia e os explora com base em sua condição de migrante. De fato, é o que demonstra a fala do Entrevistado 4:

Agora, nesse momento, tão chegando aí... o empresário está absorvendo, de uma certa forma, de acordo com sua necessidade e de acordo com o que ele tem pra oferecer, é. Dependendo do nicho de trabalho, talvez esses venezuelanos não se enquadram, mas pra questões mais básicas, de trabalhos mais básicos, como é o nosso, que depende muito ainda na questão braçal, eles se enquadram muito bem, pois já veem com o nível intelectual avançado, pra pegar aquilo que a gente não tá acostumado ver como resposta. (Entrevistado 4)

A fala do entrevistado supracitado revela ainda uma contradição: ao mesmo tempo em que afirma que os venezuelanos se “enquadram” em “trabalhos mais básicos”, também afirma que eles possuem um “nível intelectual avançado”. Talvez a representação de que os migrantes são para “trabalhos mais básicos” seja tão pungente que os empregadores não conseguem se desvencilhar dela mesmo diante da constatação de que, de fato, os trabalhadores migrantes possuem uma formação superior em relação aos brasileiros.

Outra representação encontrada nos discursos dos empregadores, é de que os trabalhadores migrantes são para “mão de obra mais pesada”:

Analisando o profissional, eu acho que é uma saída pra quem trabalha pra essa mão de obra mais pesada. [...] Então, eu preciso de contratar um profissional pra fazer um

serviço pesado, manufaturado, ele não quer fazer esse trabalho. Então os haitianos ainda querem. Eles não têm essa cultura da qualidade de vida como excelência, eles nem... academia? Não. Ah, não. Eles querem ter dinheiro e poder de compra. Então eles querem comprar, querem receber bem, ir li no shopping e comprar roupa, tirar uma foto e mandar lá para o Haiti. Eles querem isso, mas a qualidade de vida no ambiente de trabalho ele não ligam pra isso. Então isso é bom. (Entrevistado 7)

Percebe-se claramente no trecho acima características do preconceito relacionadas “novo racismo”, que é atrelado à diferenciação cultural entre os povos. Ao afirmar que os trabalhadores migrantes “não têm essa cultura da qualidade de vida como excelência”, este empregador está expressando uma ideologia que os diferencia e inferioriza, tendo como base a sua cultura. Por supostamente “não ter essa cultura”, este empregador presume que este grupo de migrante é capaz de se sujeitar a “um serviço pesado, manufaturado”, mais que os trabalhadores brasileiros.

Em outros relatos é possível constatar algumas formas de preconceito e discriminação atreladas às características do “velho racismo”, cujo elementos organizadores centrais do discurso racista são as características biológicas. No entanto, os empregadores citam determinadas características supostamente biológicas se referindo ao grupo étnico/cultural do qual os migrantes fazem parte e não a sua cor de pele. Nota-se, portanto, que as características do “novo” e do “velho” racismo coexistem lado a lado e estão interligadas, como defendem muitos pesquisadores do tema em questão. Os relatos são dos entrevistados abaixo:

Na verdade, há alguns anos atrás a mão de obra estava mais escassa, então nós tínhamos, dentro do nosso contexto de trabalho, vira e mexe a gente estava precisando de profissional e não tinha. Há seis anos atrás o mercado em si tava diferente, então nós tínhamos menos mão de obra disponíveis, principalmente porque o mercado estava muito aquecido há seis anos atrás. E aí surgiu a oportunidade e nós começamos a testar. Era uma mão de obra que a pessoa estava legal, estava até com passaporte, autorização de trabalho, então nós passamos a experimentar, até porque o biotipo deles chamava a nossa atenção por causa da aparente força, por causa da aparente estrutura, e como o nosso trabalho é muita movimentação de peso e transporte de carga, nós resolvemos alinhar sobre isso. (Entrevistado 11)

Ah, digamos... as empresas, igual eu vejo lá no Ceasa com os haitianos, no... absorveu bem, porque eles vieram com uma massa de força, massa física, e exercendo força física bem forte, e sobrepôs os brasileiros, né, digamos assim, biologicamente, eles são fortes. Não quero comparar com a época da escravidão, nem nada, por serem mais negros, nem nada. Mas, eu vi que eles absorveram mais nessa questão muito braçal, de força, é... e tudo mais. Agora os venezuelanos estão chegando com, além da disposição, mas não pra força, mas uma disposição intelectual. (Entrevistado 4)

Ambos os empregadores supracitados empregaram trabalhadores que vieram do Haiti. Por meio das suas falas, percebe-se claramente a representação de que este grupo de migrante possui uma suposta força física superior determinada pela biologia e que, por este motivo, devem exercer trabalhos pesados e de baixa qualificação, como transporte de mercadorias. Nota-se também que o Entrevistado 4 faz uma contraposição maniqueísta entre os migrantes do Haiti e da Venezuela, afirmando que, enquanto os primeiros possuem “força física”, os últimos possuem “disposição intelectual”. Com isso, estes empregadores reiteram estereótipos negativos que inferiorizam estes migrantes e os reduzem a uma suposta força

física, desconsiderando completamente as suas capacidades intelectuais, formações acadêmicas, habilidades, experiências de trabalho e, acima de tudo, a sua humanidade.

Percebe-se aqui que o preconceito é expresso por meio de expressões racistas codificadas em termos “mais aceitáveis”, como a distinção étnica e cultural dos haitianos. Deste modo, o racismo se manifesta sem que seja necessário recorrer a distinções e julgamentos sobre a cor da pele, uma característica marcante do “novo racismo”, como aponta a literatura.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar as representações discursivas dos empregadores sobre os trabalhadores migrantes inseridos no mercado de trabalho formal brasileiro em relação ao racismo. Para tanto, utilizou como aporte teórico a teoria da ideologia de Van Dijk (1992; 1999; 2000; 2013; 2015) para investigar o discurso racista e a teoria do “novo racismo” para investigar as manifestações racistas contemporâneas.

Em geral, os migrantes são representados como trabalhadores comprometidos, frequentemente em termos de uma polarização maniqueísta entre os trabalhadores migrantes e brasileiros, expressando uma ideologia racista que, ao reforçar proposições sobre “nós” (trabalhadores brasileiros) e “eles” (migrantes), estimula a diferenciação, a competição e o conflito entre os grupos nos espaços de trabalho.

Tal polarização, a princípio, pode nos levar acreditar que a representação dos trabalhadores migrantes é positiva enquanto a dos brasileiros é negativa. No entanto, a representação do comprometimento atrelada aos trabalhadores migrantes é expressa em termos de uma subordinação passiva aos valores, regras e exigências de trabalho, revelando uma intensificação de determinadas práticas de dominação e exploração econômica dessa força de trabalho.

A exploração da força de trabalho migrante é acentuada pela representação de vulnerabilidade em que muitos se encontram no país anfitrião. A representação de vulnerabilidade e de susceptibilidade em acatar quaisquer exigências e demandas de trabalho em decorrência dessa condição favorece, na prática, a constituição, reprodução e legitimação de um sistema de dominação dessa força de trabalho e o favorecimento da desigualdade social, uma vez que leva os empregadores a ofertarem empregos com menor *status* social, ritmos pesados, más condições de trabalho e baixa remuneração.

Também foi possível observar que os migrantes foram representados como trabalhadores destinados a realizar trabalhos mais básicos e pesados, reforçando, assim, uma tendência à abertura desses segmentos do mercado de trabalho a trabalhadores migrantes, sem distinção quanto a sua formação. É importante ressaltar que essa representação dá origem a uma progressiva racialização de determinados segmentos do mercado de trabalho, ou seja, a inserção de trabalhadores migrantes em um sistema de trabalho hierarquicamente organizado, que os diferencia e os explora com base em sua condição de migrante.

Todas essas representações discursivas e as práticas sociais que estabelecem fortalecem posições de superioridade e dominação dos empregadores em relação aos trabalhadores migrantes, subordinando-os a determinadas práticas sociais de trabalho com o objetivo de atender aos seus próprios interesses. Além disso, tais representações envolvem discriminação, diferenciação e inferiorização dos migrantes trabalhadores, por meio de estereótipos profundamente negativos. Por todos esses motivos, é possível afirmar, em termos gerais, que a ideologia racista é claramente expressa e reproduzida por meio do discurso dos empregadores entrevistados.

É possível afirmar que este estudo traz contribuições e avança na literatura na medida em que relaciona Análise Crítica do Discurso e Imigração, tema ainda pouco explorado na

literatura brasileira em administração. Ademais, como a maioria dos estudos em Análise Crítica do Discurso investiga os meios de comunicação de massa, este trabalho, ao investigar o discurso dos empregadores, também contribui para ampliar o escopo de análises desta abordagem teórico-metodológica. Além disso, fornece uma reflexão sobre como as representações discursivas dos empregadores estabelecem práticas que intensificam a exploração econômica da força de trabalho migrante, além de práticas de dominação e que favorecem desigualdade social, na medida em que indica uma tendência à abertura de determinados segmentos do mercado de trabalho a trabalhadores migrantes, sem distinção quanto às suas experiências e formação. Ou seja, tais representações dão origem a uma progressiva racialização de determinados segmentos do mercado de trabalho, isto é, a inserção de trabalhadores migrantes em um sistema de trabalho hierarquicamente organizado, que os diferencia e os explora com base em sua condição de migrante.

Este estudo, porém, apresenta limitações devido ao fato de que as experiências de trabalho dos migrantes foram exploradas apenas a partir do discurso dos seus empregadores. Assim, sugerimos que futuras pesquisas sejam realizadas por meio do discurso de outros atores sociais, como colegas de trabalho e, sobretudo, dos próprios trabalhadores, uma vez que são eles os atores sociais mais apropriados para relatar as suas próprias experiências. Ademais, o fato deste trabalho não fazer distinções acerca dos refugiados, requerentes de asilo e imigrantes também se constitui como uma limitação, uma vez que pode haver distinções nas representações discursivas sobre estes três grupos em questão.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adjai, C., & Lazaridis, G. (2013). Migration, xenophobia and new racism in post-apartheid South Africa. *International Journal of Social Science Studies*, 1(1), 192-205.
- Augoustinos, M., & Every, D. (2007). The language of “race” and prejudice: A discourse of denial, reason, and liberal-practical politics. *Journal of Language and Social Psychology*, 26(2), 123-141.
- Augoustinos, M., Tuffin, K., & Every, D. (2005). New racism, meritocracy and individualism: Constraining affirmative action in education. *Discourse & Society*, 16(3), 315-340.
- Anthias, F. (1995). Cultural racism or racist culture? Rethinking racist exclusions. *International Journal of Human Resource Management*, 24(2), 279-301.
- Anthias, F. (2012a). Transnational mobilities, migration research and intersectionality. *Nordic Journal of Migration Research*, 2(2), 102-110.
- Anthias, F. (2012b). Hierarchies of social location, class and intersectionality: Towards a translocational frame. *International Sociology*, 28(1), 121-138.
- Archakis, A. (2014). Immigrant voices in students’ essay texts: Between assimilation and pride. *Discourse & Society*, 25(3), 297-314.
- Babacan, H., Gopalkrishnan, N., & Babacan, A. (2009). *Situating Racism: the local, national, and the global*. Cambridge Scholars Publishing.
- Baker, P., & McEnery, T. (2005). A corpus-based approach to discourses of refugees and asylum seekers in UN and newspaper texts. *Journal of language and politics*, 4(2), 197-226.

- Beynon, H., & Kushnick, L. (2003). Cool Britannia or Cruel Britannia? Racism and New Labour. *Socialist Register*, 39(39).
- Blommaert, J. (2001). Investigating narrative inequality: African asylum seekers' stories in Belgium. *Discourse & Society*, 12(4), 413-449
- Bürkner, H. J. (2012). Intersectionality: How gender studies might inspire the analysis of social inequality among migrants. *Population, space and place*, 18(2), 181-195.
- Burroughs, E. (2015). Discursive representations of 'illegal immigration' in the Irish newsprint media: The domination and multiple facets of the 'control' argumentation. *Discourse & Society*, 26(2), 165-183..
- Cheran, R. (2001). Xeno-racism and international migration. *Refuge: Canada's Journal on Refugees*, 19(6), 1-3.
- Clyne, M. (2005). The use of exclusionary language to manipulate opinion: John Howard, asylum seekers and the reemergence of political incorrectness in Australia. *Journal of language and politics*, 4(2), 173-196.
- Del-Teso-Craviotto, M. (2009). Racism and xenophobia in immigrants' discourse: The case of Argentines in Spain. *Discourse & Society*, 20(5), 571-592.
- Don, Z. M., & Lee, C. (2014). Representing immigrants as illegals, threats and victims in Malaysia: Elite voices in the media. *Discourse & Society*, 25(6), 687-705.
- Duffield, M. (2006). Racism, migration and development: the foundations of planetary order. *Progress in Development Studies*, 6(1), 68-79.
- Dunn, K. M., Klocker, N., & Salabay, T. (2007). Contemporary racism and Islamophobia in Australia: Racializing religion. *Ethnicities*, 7(4), 564-589.
- Eisenhardt, K. (1989). Building Theories from Case Study Research. *Academy of Management Review*, 14(4).
- Fekete, L. (2001). The emergence of xeno-racism. *Race & Class*, 43(2), 23-40.
- Flowerdew, J., Li, D. C., & Tran, S. (2002). Discriminatory news discourse: some Hong Kong data. *Discourse & Society*, 13(3), 319-345.
- Gabrielatos, C., & Baker, P. (2008). Fleeing, sneaking, flooding: A corpus analysis of discursive constructions of refugees and asylum seekers in the UK press, 1996-2005. *Journal of English linguistics*, 36(1), 5-38.
- Goldberg, D. T. (1992). The semantics of race. *Ethnic and Racial Studies*, 15(4), 543-569.
- Hanson-Easey, S., & Augoustinos, M. (2010). Out of Africa: Accounting for refugee policy and the language of causal attribution. *Discourse & Society*, 21(3), 295-323.
- Hanson-Easey, S., Augoustinos, M., & Moloney, G. (2014). 'They're all tribals': Essentialism, context and the discursive representation of Sudanese refugees. *Discourse & Society*, 25(3), 362-382.

- Hopkins, N., Reicher, S., & Levine, M. (1997). On the parallels between social cognition and the 'new racism'. *British Journal of Social Psychology*, 36(3), 305-329.
- Jayasuriya, L. (2002). Understanding Australian Racism. *Australian Universities Review*, The, 45(1), 40-44.
- Johnston, A. M. (2008). Co-membership in immigration gatekeeping interviews: construction, ratification and refutation. *Discourse & Society*, 19(1), 21-41.
- Kinder, D. R. (1986). The continuing American dilemma: White resistance to racial change 40 years after Myrdal. *Journal of social issues*, 42(2), 151-171.
- Kinder, D. R., & Sears, D. O. (1981). Prejudice and politics: Symbolic racism versus racial threats to the good life. *Journal of personality and social psychology*, 40(3), 414.
- KhosraviNik, M. (2009). The representation of refugees, asylum seekers and immigrants in British newspapers during the Balkan conflict (1999) and the British general election (2005). *Discourse & Society*, 20(4), 477-498.
- KhosraviNik, M. (2010). The representation of refugees, asylum seekers and immigrants in British newspapers: A critical discourse analysis. *Journal of Language and Politics*, 9(1), 1-28.
- KhosraviNik, M., Krzyżanowski, M., & Wodak, R. (2012). Dynamics of representation in discourse: Immigrants in the British press. In: *Migrations: Interdisciplinary Perspectives* (pp. 283-295). Springer, Vienna.
- Kress, G. (1990). Critical discourse analysis. *Annual review of applied linguistics*, 11, 84-99.
- Leach, C. W. (2005). Against the notion of a 'new racism'. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 15(6), 432-445.
- Lentin, A. (2000). 'Race', Racism and Anti-racism: Challenging Contemporary Classifications. *Social Identities*, 6(1), 91-106.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 401-411.
- Lynn, N., & Lea, S. (2003). A phantom menace and the new Apartheid': the social construction of asylum-seekers in the United Kingdom. *Discourse & Society*, 14(4), 425-452.
- Mahalingam, R., Balan, S., & Haritatos, J. (2008). Engendering immigrant psychology: An intersectionality perspective. *Sex Roles*, 59(5-6), 326-336.
- McConahay, J. B., & Hough Jr, J. C. (1976). Symbolic racism. *Journal of social issues*, 32(2), 23-45.
- McKenzie, K. (2003). Discursive psychology and the "new racism". *Human Studies*, 26(4), 461-491.
- Oliver, W. (2001). Cultural racism and structural violence: Implications for African Americans. *Journal of human Behavior in the Social Environment*, 4(2-3), 1-26.

- Pérez-Paredes, P., Jiménez, P. A., & Hernández, P. S. (2017). Constructing immigrants in UK legislation and Administration informative texts: A corpus-driven study (2007–2011). *Discourse & Society*, 28(1), 81-103.
- Pettersson, K., Liebkind, K., & Sakki, I. (2016). You who are an immigrant—why are you in the Sweden Democrats? *Discourse & Society*, 27(6), 624-641.
- Pon, G. (2009). Cultural competency as new racism: An ontology of forgetting. *Journal of Progressive Human Services*, 20(1), 59-71.
- Popescu, T. (2008). Immigration discourses: the case of Romanian immigrants in Italy. *Journal of Linguistic and Intercultural Education*, 1, 31-44.
- Reisigl, M., & Wodak, R. (2001). *Discourse and discrimination: Rhetorics of racism and antisemitism*. Routledge.
- Resende, V. de M. & Ramalho, V. (2006). *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto.
- Rydgren, J. (2008). Immigration sceptics, xenophobes or racists? Radical right-wing voting in six West European countries. *European Journal of Political Research*, 47(6), 737-765.
- Santa Ana, O. (1999). Like an animal I was treated': Anti-immigrant metaphor in US public discourse. *Discourse & society*, 10(2), 191-224.
- Santa Ana, O. (2016). The cowboy and the goddess: Television news mythmaking about immigrants. *Discourse & Society*, 27(1), 95-117.
- Sears, D. O. (1988). Symbolic racism. In.: *Eliminating racism*. Springer, Boston, MA, p. 53-84.
- Siebers, H., & Dennissen, M. H. (2015). Is it cultural racism? Discursive exclusion and oppression of migrants in the Netherlands. *Current Sociology*, 63(3), 470-489.
- Sivanandan, A. (2001). Poverty is the new black. *Race & Class*, 43(2), 1-5.
- Sniderman, P. M., Piazza, T., Tetlock, P. E., & Kendrick, A. (1991). The new racism. *American Journal of Political Science*, 423-447.
- Sniderman, P. M., & Tetlock, P. E. (1986). Symbolic racism: Problems of motive attribution in political analysis. *Journal of social issues*, 42(2), 129-150.
- Strom, M. (2015). Social hierarchy in local Spanish-language print media: The discursive representation of Latino social actors in the United States. *Discourse & Society*, 26(2), 230-252.
- Taguieff, P. A. (1990). The new cultural racism in France. *Telos*, 109-122.
- Van Dijk, T. A. (1992). Discourse and the denial of racism. *Discourse & Society*, 3(1), 87-118.
- Van Dijk, T. (1996). Análisis del discurso ideológico. *Versión*, 6(10), 15-42.

- Van Dijk, T. A. (1999). Discourse and racism. *Discourse & Society*, 10(2), 147–148.
- Van Dijk, T. A. (2000a). Ideologies, racism, discourse: Debates on immigration and ethnic issues. *Comparative Perspectives on Racism*, 91-116.
- Van Dijk, T. A. (2000b). New (s) racism: A discourse analytical approach. *Ethnic minorities and the media*, 37, 33-49.
- Van Dijk, T. A. (2013). Análise crítica do discurso multidisciplinar: um apelo em favor da diversidade. *Linha D'Água*, 26(2), 351-381.
- Van Dijk, T. A. (2015). *Ideologia*. *Letras de Hoje*, 50(5), 53-61.
- Verkuyten, M., & Masson, K. (1995). 'New racism', self-esteem, and ethnic relations among minority and majority youth in the Netherlands. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 23(2), 137-154.
- Villanueva, V. (2006). Blind: Talking about the new racism. *Writing Center Journal*, 26(1), 3.
- Virtanen, S. V., & Huddy, L. (1998). Old-fashioned racism and new forms of racial prejudice. *The journal of politics*, 60(2), 311-332.
- Wiewiorka, M. (2004). The making of differences. *International Sociology*, 19(3), 281-297.
- Wodak, R. (2004). Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 223-243.
- Wodak, R., & Matouschek, B. (1993). We are dealing with people whose origins one can clearly tell just by looking': Critical discourse analysis and the study of neo-racism in contemporary Austria. *Discourse & Society*, 4(2), 225-248.
- Wodak, R., & Van Leeuwen, T. (1999). Legitimizing Immigration Control: A discourse-historical analysis. *Discourse Studies*, 1(1), 83-119.
- Wren, K. (2001). Cultural racism: something rotten in the state of Denmark?. *Social & Cultural Geography*, 2(2), 141-162.
- Yin, R. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman.
- Zaman, H. (2010). Racialization and marginalization of immigrants: A new wave of xenophobia in Canada. *Labour / Le Travail*, 66, pp. 163-182 (Review).